



# Templo das Musas

## Hec-hec-Hécate

Por Amandara Yin

A ceifadora, dona do mistério  
Respeita o ciclo, ora os versos.  
Contemplação do início ao final...  
Sublime mãe celestial.

Deusa tríplice caminhante  
Cheia, crescente e minguante.  
Reverencia as sombras em teu peito

No sossego de se conhecer  
Seguindo livre flutuante  
Das trevas e luz amante.

Podes agora deixar a pele,  
A máscara  
A casca

Tudo pode cair.  
Forte e viva, a seguir.

Depois de percorrer  
Dentro, bem dentro de você  
O que incomoda, acomoda e  
não se quer ver.

Para com o raio de luz florescer  
Integrar, sussurrar  
O mais belo amadurecer.

Corre solta nesses labirintos  
Bela, linda e doce  
Acata teus instintos  
Esses pântanos de dor

E não se esqueça  
Essa escuridão é parte da construção  
Luz e sombras com amor!



## Próximos Rituais



Plenilúnio: Celebração da  
Deusa asteca Tonantzin

Dia 6 de setembro (quarta-feira)  
às 20h

.. Somentemente para Mulheres ..



Celebração de Mabon  
Colheita dos Frutos

Dia 22 de setembro (sexta-feira)  
às 20h

.. Somentemente para Mulheres ..

Os rituais acontecem na Unipaz -  
Brasília/DF

# Não indicado para crianças  
# Usar agasalhos, local ao ar livre e frio.

Energia de troca R\$ 20,00  
Informações: +55 61 98233-7949

**Pedimos a gentileza de não fotografar,  
filmar, gravar ou realizar qualquer  
outra forma de registro antes, durante  
ou após os rituais, sem autorização da  
Teia de Thea.**

Expediente Jornal Deusa Viva

Edição:  
Shirley de Medeiros

Diagramação:  
Cláudia Denise Baumgaertner

Textos:  
Mirella Faur, Shirley Medeiros e Amandara Yin

Imagens:  
Rede mundial de computadores

Informações: [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)  
Contatos: Telefone (61) 98233-7949  
E-mail: [teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)

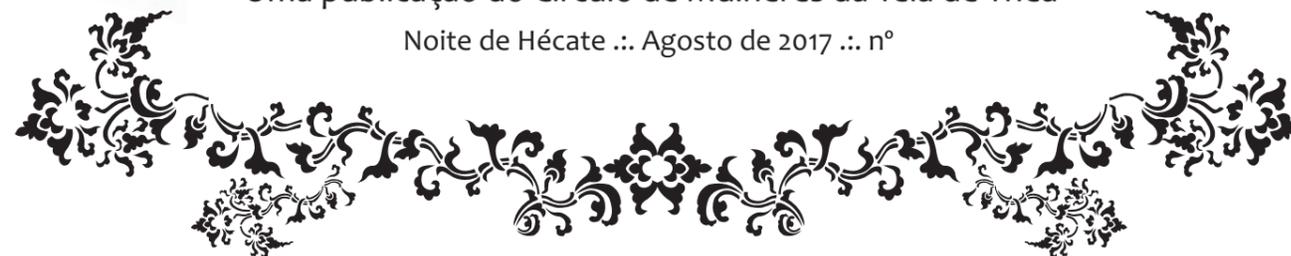
Envie suas sugestões, críticas  
ou elogios para:  
[deusaviva@teiadethea.org](mailto:deusaviva@teiadethea.org)



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Noite de Hécate .. Agosto de 2017 .. nº



## Hécate:

## Senhora dos caminhos, escolhas e decisões

Por Mirella Faur

O arquétipo de Hécate é tão multifacetado e abrange tantas possibilidades de descrição, conexão e reverência que é extremamente difícil resumi-lo. Devemos ter em mente que seu culto existiu durante milênios e que na antiguidade inspirou poetas e filósofos, magos, sacerdotisas, parteiras e curandeiras, além de ser venerada por pessoas comuns que lhe pediam bênçãos, auxílio e proteção.

Ao longo dos tempos a sua imagem evoluiu, se modificou, ficou escondida durante a Inquisição e emergiu novamente nos rituais e práticas atuais dos seguidores neopagãos, dos grupos Wicca e dos círculos sagrados femininos, que seguem a Tradição da Deusa.

Senhora da Encruzilhada – No seu aspecto de Guardiã dos caminhos da vida e do mundo subterrâneo, Hécate é um arquétipo primordial do inconsciente pessoal e coletivo, que nos permite o acesso às camadas profundas da memória ancestral. É representada no plano humano pelo xamã e psicopompo que se movimentam entre os mundos. Pela vidente que olha para o passado, presente e futuro e pela curadora que transpõe as pontes entre os mundos e traz comu n i c a ç õ e s espirituais para a cura e regeneração dos seus semelhantes.



Ela rege os processos misteriosos do ciclo do “eterno retorno”, a vida, a morte e o renascimento sendo entrelaçado no processo alquímico da transmutação. Nas representações (estatuetas, baixos relevos, pinturas) aparecia com três cabeças, de mulheres de idades diferentes ou com características dos seus animais de poder (mais frequentemente o cão, a serpente ou égua, o leão ou lobo). Os seus seis braços seguram tochas e símbolos de poder (chave, punhal ou foice, corda ou chicote). A foice é mais específica e feminina do que o punhal por ser símbolo do aspecto ceifador – da colheita e da vida –, sua forma sendo ligada aos cornos lunares. A lâmina descreve o dom do discernimento, saber o que cortar (hábitos prejudiciais, doenças dolorosas, fraquezas, medos, insegurança).

Nas portas das antigas casas gregas havia sempre uma representação ou símbolo seu para atrair proteção. A materialização de Hécate como “Senhora das Encruzilhadas” era no pilar sagrado Hecaterion, Hecataion ou Hecataion, colocado no cruzamento de três caminhos – do passado, presente e futuro – e representando a Deusa com três cabeças e seis braços,





que seguravam três tochas e seus emblemas sagrados: a chave, a corda e o punhal.

A chave abria as portas para os mistérios ocultos e a sabedoria do além. A corda era o cordão umbilical do renascimento e da renovação. O punhal – depois transformado em athame – cortava as ilusões e as amarras,

sendo símbolo do poder mágico.

Hécate, em grego, significa A Distante ou A Remota, por proteger os lugares ermos e remotos, sendo a guardiã das estradas, protetora dos viajantes, pescadores, marinheiros e das passagens, principalmente das encruzilhadas onde convergiam três caminhos.

Nestes locais, os gregos percebiam melhor a presença de Hécate, por isso lhe ergueram estátuas tricéfalas ou pilares sagrados chamados Hecaterion e deixavam oferendas dos seus alimentos ritualísticos, as famosas “Ceias de Hécate”. Invocada como A Distante, ou Kratais, A Poderosa, Hécate era protetora dos lugares ermos, dos caminhos e das encruzilhadas de três vias, onde recebia as oferendas deixadas nas noites escuras compostas de grãos, vinho tinto, romã, mel, carne e pelo de animais pretos a ela consagrados.

Lá ela aparecia segurando tochas nas mãos e acompanhadas por cães pretos uivando; devidamente invocada, ela revelava segredos, mostrava a entrada para o mundo subterrâneo, permitia e ajudava no intercâmbio com os mortos. Seu guardião era Cérbero, o cão tricéfalo, representando a estrela Sirius, da constelação do cão.

Acredita-se que o termo Hecateias atribuído às estátuas na realidade designava as sacerdotisas oraculares que serviam nesses locais. Os dias dedicados à Hécate eram o fim do mês, as sextas-feiras (principalmente se fossem nos dias treze), os eclipses, 13 de agosto e 16 de novembro. Atualmente, grupos neopagãos a reverenciam no Sabbat Samhain, a “Noite das Ancestrais” e no Dia de Finados.

\*Trecho retirado do livro “As faces escuras da Grande Mãe”.

Quer saber mais?

Leia também o artigo “As dádivas da Deusa Hécate” no site [teiadethea.org](http://teiadethea.org)

*“Hécate, tu és a calma do outono e a turbulência do inverno, o cheiro da terra molhada após a passagem das tempestades, o vôo do corvo e o grito da coruja, o brilho ameno do entardecer e o encanto da luz da Lua, o cintilar da neve no inverno e o colorido alegre da primavera. Tu és o silêncio da Morte e os cantos da Vida, Tu és Senhora, Mãe, Rainha e toda-abrangente Soberana!”  
(Hecate, A Devocional por Vivienne Moss)*

seu livro O Legado da Deusa.

A ideia não é dispensarmos dinâmicas que nos proporcionem centramento ou disciplina, mas ampliarmos as práticas e as adaptarmos aos nossos ciclos internos e ao mundo que nos cerca. Por que devo ficar quieta, silenciosa e no controle dos meus pensamentos no auge do meu período ovulatório, em uma noite de Lua Cheia no Verão?

Como a natureza, nesse período estou plena, quero me movimentar, expandir. Posso usar essa energia para a afirmação dos meus propósitos, práticas mágicas, visualizações criativas ou danças de gratidão e reverência à Lua! Nossa alma feminina atinge outros níveis de consciência por meio de sua capacidade criativa, intuitiva e de sentir. Dançar com o ritmo do universo e sentir prazer em estarmos vivas também alimenta nosso espírito!



Com o patriarcado, essa percepção sensível sofreu repressão e foi inibida em sua expressão, gerando preconceitos e estimulando apenas técnicas ligadas ao conhecimento racional e lógico. Já em momentos em que maior escuta interna ou um direcionamento espiritual for necessário, podemos fazer uma meditação introspectiva ou ativa, um relaxamento físico, contemplar a natureza, tocar nosso tambor, se despedir ritualisticamente do velho, do que precisa morrer.

Esse movimento mais receptivo, simbolizando o retorno ao ventre da Grande Mãe, é favorecido durante a menstruação, na Lua Negra ou Minguante e no Inverno, por exemplo.

Tecer, fiar, costurar e bordar são atividades que também podem nos proporcionar centramento. Além de possibilitarem a conexão com as habilidades de nossas ancestrais - aprofundando raízes e despertando memórias - elas nos remetem ao poder de construir a teia de nossa vida e relacionamentos.

Use a constância – não a rigidez – para reservar momentos de autocuidado, realizar práticas que ampliem o contato com sua sabedoria ancestral e intuição, e fortaleçam o seu discernimento.

“O poder de uma mulher é imenso e quanto

mais disciplina e devoção ela dedica, maior ele se torna.” (Grandmothers of Light)



Sabbat Lammas:

O Festival da Colheita (1º de Agosto)



Agradecemos pelas bênçãos, agradecemos pelas lições  
Agradecemos por tudo que a Deusa nos proporciona  
Agradecemos pela manifestação dos nossos sonhos  
que estão se desenvolvendo agora  
Agradecemos pela presença da Deusa em nossas vidas

Obrigada, obrigada,  
Ó Grande Mãe obrigada!

Com o primeiro milho verde  
Nossos sonhos agora estão tomando forma  
Pedimos força para ver a verdadeira colheita

Mãe do milho, de todas as criaturas  
Agradecemos pelos presentes que você deixou em  
nossa porta

Obrigada, obrigada,  
Ó Grande Mãe obrigada!

(Música Lammas Song – Tradução)



## Resgatando práticas de autoconhecimento voltadas para o Feminino

Por Shirley de Medeiros  
[Blog.asabida.wordpress.com](http://Blog.asabida.wordpress.com)

Sáimos dos encontros de nossos círculos de mulheres fortalecidas, renovadas e nutridas, prontas para enfrentar os obstáculos que a vida nos apresenta. Porém, as práticas diárias de autoconhecimento são indispensáveis para o nosso equilíbrio interior e a percepção sobre como pulsamos com a vida a partir desse corpo cíclico de mulher.

Grande foi meu alívio quando entendi que retomar o caminho do Sagrado Feminino passa também por percorrer outras possibilidades de autoconhecimento e conexão, unindo corpo, mente e alma. “A maior parte das práticas contemporâneas de meditação foram criadas por homens para homens, pautadas em arquétipos patriarcais, excessiva rigidez e disciplina ascética”, destaca Mirella Faur em